

# Reduzindo a meta

*Previcel reduz meta, utiliza superávit para promover rebalanceamento entre ativos e passivos e contrata Vinci para fazer gestão de seus recursos*

A Pricel, fundo de pensão da Cia de Informática do Paraná (Celepar), entra em 2018 com uma nova meta atuarial, que cai de INPC mais 5,20% para INPC mais 4,80%. Segundo o diretor administrativo e financeiro da Pricel, Sulyvan Truppel Kuhnen, o objetivo é alinhar a fundação com a nova realidade da taxa Selic, que caiu de 13% em janeiro de 2017 para os atuais 6,75%.

A Pricel é uma entidade ainda jovem se comparada com alguns de seus pares do sistema – ela foi criada em 1996 e conta com apenas um plano, na modalidade Benefício Definido (BD), um dos poucos ainda abertos à entrada de novos participantes.

Por conta do desempenho positivo da carteira de investimentos em 2017, e pelo fato de a entidade ainda ter um perfil jovem, com mais entradas de recursos do que saídas para pagamentos de benefícios (ela recebe cerca de R\$ 600 mil em contribuições mensais e paga cerca de R\$ 500 mil no mesmo período), a Pricel acumulou no ano passado um superávit de aproximadamente R\$ 16 milhões. Desse montante, R\$ 12 milhões foram utilizados para fazer o rebalanceamento entre ativos e passivos em função da redução da meta.

Segundo Kuhnen, mesmo com a utilização do superávit acumulado a entidade ainda tem um bom nível de solvência, de 102% dos recursos garantidores. Ele lembra também que, graças ao superávit, o fundo de pensão pôde promover a redução da meta sem a necessidade de realizar cobranças extraordinárias junto aos participantes ou à patrocinadora. A Pricel contou com a ajuda da Aditus para o cálculo de nova meta atuarial.

**RENTABILIDADE** – Com um patrimônio de aproximadamente R\$ 245 milhões, a Pricel obteve uma rentabilidade de



**KUHNEN:** baixa liquidez para diversificar

9,71% para sua carteira de investimentos em 2017, frente a uma meta atuarial que correspondeu a 7,37% no período. Segundo Kuhnen, a entidade conseguiu aproveitar bem os benefícios da alta da bolsa e do fechamento dos juros na renda fixa no ano passado.

Cerca de 90% dos recursos da fundação estão na renda fixa, sendo boa parte em NTN-Bs marcadas na curva. Outros 2,5% estão em renda variável, que renderam 71% no ano passado.

Para 2018, com os juros na mínima histórica, a Pricel prevê aumentar sua exposição em renda variável e nos multimercados estruturados. “Como temos 90% da carteira travada em NTN-Bs longas não temos muita liquidez para fazer um movimento grande de diversificação”, pondera Kuhnen.

A fundação contratou a Vinci no início deste ano para fazer a gestão da carteira de investimentos. Segundo Marcelo Rabbat, head de distribuição para clientes institu-

cionais da Vinci, as principais alternativas hoje no radar dos fundos de pensão são os fundos de renda variável, local e internacional, e os multimercados estruturados, além de investimento no exterior. São opções, entretanto, que naturalmente vão adicionar volatilidade à carteira das fundações, reconhece o especialista.

Até por conta desse aumento já esperado da volatilidade nas carteiras dos institucionais, o executivo da Vinci ressalta que, embora os títulos públicos ofereçam hoje prêmios abaixo da meta atuarial das entidades, eles ainda terão papel relevante na composição dos portfólios dos institucionais ao longo de 2018, só que agora como um instrumento de redução do risco dentro do portfólio total desses investidores.

“Os títulos públicos não serão defenestrados do mercado institucional, pelo contrário, eles ainda serão importantes na carteira dos fundos de pensão como instrumentos destinados a reduzir o risco do portfólio”, pondera o especialista. “Imagina uma carteira só com renda variável e multimercados estruturados, a volatilidade ficaria muito alta”, acrescenta o head de institucionais da Vinci.

Segundo ele, os títulos públicos tendem a mudar de função dentro da carteira das fundações, deixando de ser um dos principais responsáveis pelo cumprimento da meta atuarial para ser o redutor de risco da carteira. “Obviamente os títulos públicos serão analisados de uma outra maneira, e comprados em quantidade diferente do que vinha sendo feito até o ano passado”, afirma o profissional da asset.

Em menor medida, até pela baixa oferta e pela alta demanda que têm comprimido os prêmios, os títulos privados ‘investment grade’ também devem fazer parte do menu que tem sido avaliado pelos institucionais, prevê Rabbat.